

A PRÁTICA DA MÍSTICA E A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA HISTÓRICA NO MST
PRACTISING MYSTIQUE AND THE CONSTRUCTION OF A HISTORICAL MEMORY WITHIN THE MST

Fabiano Coelho*
fabianocoelhofgd@gmail.com

RESUMO: O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se tornou uma referência significativa nos processos de lutas pela terra no Brasil, desde que fora organizado na década de 1980. Internamente, o Movimento sistematizou uma sólida estrutura organizacional com características particulares. Em sua organização existe uma prática denominada “mística” e que é compreendida por seus militantes como a “alma” do MST. Neste sentido, o trabalho reflete sobre a mística no MST, em especial, como essa prática é significativa para o Movimento investir na construção de sua memória histórica.

PALAVRAS-CHAVE: MST; Mística; Memória histórica.

ABSTRACT: The Landless Workers Movement (MST) has become a significant reference in the struggle for land in Brazil, since it was organized in late 1980. Internally, the movement has systematized a solid organizational structure with particular characteristics. Within its organization there is a practice called "mystique" and it is viewed by its supporters as the "soul" of the MST. In this sense, the work reflects on the mystique within the MST, in particular, as this practice is significant to the Movement so that it invests in the construction of its historical memory.

KEYWORDS: MST; Mystique; Historical memory.

A década de 1980 registrou o nascimento e organização de um dos maiores e mais representativos movimentos sociais da segunda metade do século XX – o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – conhecido nacionalmente pela sigla *MST*¹. Desde sua criação oficial, no ano de 1984, o Movimento² construiu uma sólida organização e está estruturado em quase todos os estados da Federação, não atuando apenas nos estados do Acre, Amazônia e Amapá. Internamente, o MST possui um conjunto de práticas, normas, valores e regras que são particulares à sua organização, dentre elas a prática da “mística”. Nesta perspectiva, o trabalho reflete sobre a mística no MST, em especial, como essa prática é significativa para o Movimento investir na construção de sua memória histórica³.

* Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD). Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da UFGD.

¹ Existe uma quantia considerável de livros, teses, dissertações e artigos que buscaram compreender o nascimento e organização do MST a nível nacional e nos estados brasileiros, dentre eles: (FERNANDES, 2000); (STÉDILE, 1997); (SILVA, 2004); (BORGES, 2004); (COLETTI, 2005); (FERNANDES; STÉDILE, 2005); (SILVA, 2004); (BRANFORD; ROCHA, 2004); (LERRER, 2008); (CARTER, 2010).

² Quando se escreve Movimento com letra maiúscula refere-se ao MST. Essa opção advém do fato do MST se inserir na luta pela terra como um movimento social distinto, nesse sentido, optou-se em não generalizar o termo “movimento” para se tratar do MST.

³ O trabalho foi fruto de uma pesquisa de Mestrado intitulada “A Prática da Mística e a Luta pela Terra no MST”, defendida no ano de 2010, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD). Algumas das reflexões contidas no artigo foram apresentadas no “XXVII Simpósio

Para escrita do artigo, utilizou-se como fonte de análise materiais produzidos pelo MST e referências bibliográficas sobre a temática em questão. Os materiais de produção interna do Movimento são relevantes para compreender suas visões e ideias, mudanças e permanências ao longo de sua trajetória histórica. As fontes orais também foram significativas para refletir sobre a problemática proposta. Na ocasião, citam-se três entrevistas, sendo duas realizadas com sujeitos que viviam no acampamento Madre Cristina⁴, no ano de 2007, em Itapura/SP, e uma produzida no assentamento Estrela da Ilha⁵, em 2009, no município de Ilha Solteira/SP. Destaca-se que, foram produzidas outras entrevistas com sujeitos que viviam nestes lugares sociais e que foram importantes para a escrita do texto, alargando os horizontes de interpretações sobre a mística e sua relação com a construção de uma memória histórica no MST. Em determinados momentos, recorro à produção dessas narrativas e percepções junto ao grupo de sujeitos entrevistados em tal acampamento e assentamento. Também, foram analisadas duas imagens que abordam a apresentação de mística em atividades realizadas pelo MST e que são elucidativas quanto ao objetivo proposto.

A prática da mística acompanha a organização do MST desde suas primeiras mobilizações, e teve como principais incentivadores os “agentes religiosos”⁶ que apoiavam e prestavam assessoria ao Movimento. A mística é uma “espécie” de ritual e celebração que acontece de diversas maneiras e com significados e sentidos variados. Sua prática dá-se nos mais variados lugares, como nos acampamentos, assentamentos, Encontros, Congressos e nas diversas manifestações que o MST empreende. De maneira geral, é praticada em forma de teatro, contendo músicas, poesias e diversos elementos simbólicos em seu interior.

Entende-se a mística como uma “prática cultural e política” no MST, que é realizada de forma diversa e plural. Na organização do MST, a mística se tornou um “elemento estratégico”, pois nos diversos espaços em que é realizada, possui suas intencionalidades. O

Nacional de História da ANPUH”, 2013, Natal/RN. Contudo, essa versão do trabalho foi ampliada e devidamente atualizada.

⁴ O acampamento Madre Cristina foi organizado no ano de 2003, e até a realização das entrevistas localizava-se na rodovia Gerson Dourado de Oliveira, Km 12. Esse acampamento abrigava em torno de 102 famílias e era vinculado a Regional do MST em Andradina – SP.

⁵ O assentamento Estrela da Ilha fora criado em fevereiro de 2005, e abriga duzentas e duas famílias providas de diversos acampamentos ligados ao MST na região do Noroeste Paulista.

⁶ Por “agentes religiosos” entendem-se os bispos, padres, freiras, pastores e indivíduos leigos que desenvolviam trabalhos com os homens e mulheres marginalizados na cidade e no campo, sob a perspectiva da Teologia da Libertação. Ver: (GAIGER, 1987).

seu desenvolvimento nas diversas atividades e espaços em que integrantes do MST estão reunidos se torna um momento privilegiado em que se processam construções de representações. Neste sentido, as ideias de Roger Chartier (1990) e Pierre Bourdieu (2006) foram relevantes para esse entendimento, sobretudo, no que tange aos conceitos de “práticas e representações”. A partir destes dois autores, entende-se que “representações” são construções sociais da realidade, em que os atores sociais fundamentam suas visões de mundo a partir dos seus interesses, e de seu grupo. Assim, os sujeitos e o grupo a qual pertence criam representações de si mesmos e de outros grupos, fundamentando suas visões de mundo sobre a realidade. As representações visam construir o mundo social dos sujeitos, sendo elas “matrizes” dos discursos e das práticas dos grupos. Compreender as representações dos grupos contribui, sobremaneira, para entender como o mundo dos mesmos é construído socialmente.

Através da mística, o MST fundamenta e representa o seu mundo, e o mundo que está por vir através das lutas dos trabalhadores e trabalhadoras. O seu celebrar se configura como um lugar privilegiado em que se processam construções de representações. Na mística, o Movimento cria suas visões de mundo, estabelece quais são seus valores e ideais, expressa o que espera de seus integrantes, legitima a luta pela terra e, ressalta quem são seus aliados e inimigos na luta pela terra. A prática da mística se tornou tão valorizada para o MST devido ao fato de que, por meio dela, o Movimento consegue se comunicar eficazmente com os sujeitos, evocando e ressoando representações. As representações são construídas através de todos os elementos que a compõem. No processo histórico, a prática da mística se consolidou como elemento relevante para a organização do Movimento, edificando significados e sentidos para a vida dos homens e mulheres que o integram em sua heterogeneidade.

Em meio à luta de representações no campo social, o MST se utiliza da mística para construir sua imagem e posição na estrutura social. Na mística, sempre se procura destacar o Movimento como “herdeiro” das lutas sociais históricas no campo, e construir representações negativas sobre os inimigos da organização. É possível dizer que o fazer da mística produz a imagem do Movimento como se fosse o “redentor da história”. Para tanto, cria-se uma “memória histórica” para o grupo que, por vezes, é sistematizada de forma distinta da “memória oficial”. As apresentações de mística buscam o processar de uma

“lógica histórica”, em que são retratadas a intensa opressão e violência sobre a classe trabalhadora, desde a América Portuguesa, território que hoje é compreendido como Brasil.

Sobre “memória”, aponta-se para a existência de “memórias individuais” (quando direcionadas à história de vida) e “memórias coletivas” (quando se enfatizam experiências de um grupo, experiências coletivas). Ao refletir sobre a construção de uma memória histórica no MST através da mística, direcionarei o olhar para “memórias coletivas”, em especial, a partir das ideias de Michael Pollak (2009) e Jacques Le Goff (1996). Memória, a princípio, pode ser encarada apenas como algo “individual”, íntimo a própria pessoa. Entretanto, se utilizando dos estudos de Maurice Halbwachs, Pollak entende que a memória dever ser visualizada também como “coletiva”, sobretudo, “como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. Compreendendo a memória enquanto uma “construção social”, e sendo ela “seletiva” – “Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (2009, p. 2-4) – a memória coletiva também pode ser objeto de conflitos e de disputas políticas. De acordo com Le Goff, “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (1996, p. 475).

Deste modo, a memória passa a ser algo de valor e poder, fundamental para a sobrevivência dos grupos. E mais, em muitos casos, a memória também pode servir para legitimar ações e dominar uns aos outros. Como fenômeno construído historicamente, o Movimento se preocupa em edificar sua memória, ou construir sua “memória histórica”. A mística, enquanto um momento significativo acaba se tornando fundamental neste processo.

É possível pensar que no Movimento também há uma disputa constante por memórias, principalmente em contraposição com as memórias oficiais, ou seja, do Estado nacional. Isso fica evidenciado quando o MST elege seus heróis, seus mártires e suas lutas históricas, que são em seu entender as “verdadeiras” lutas sociais, dignas de serem lembradas. Memória no Movimento é sinônimo de poder, e sendo poder, precisa ser construída e reconstruída a todo o momento.

Na construção de uma memória histórica, o grupo necessita selecionar os acontecimentos e personagens que lhes são significativos e possuem sentidos em sua organização. Por este prisma, o MST procurou em sua trajetória histórica sistematizar e eleger as lutas sociais as quais se assemelha, e também os seus heróis e mártires que lhes são referências e inspiração para os seus triunfos sobre seus adversários.

Uma das primeiras evidências por parte da organização do Movimento em sistematizar uma memória histórica foi no ano de 1986, quando publicou o Caderno de Formação Nº 2, intitulado “História da Luta pela Terra”⁷. O intento do material era organizar e selecionar algumas lutas históricas, as quais a organização do Movimento achava “dignas” de serem rememoradas. Segundo o MST, se os sujeitos “conhecessem sua história, permaneceriam mais firmes na luta”. No bojo das lutas dos primeiros oprimidos, que iriam desde as lutas dos “indígenas” e “negros”, dos “movimentos messiânicos”, das lutas organizadas por sindicatos como as Ligas Camponesas⁸, até as diversas lutas sociais no período do Regime Militar, o Movimento estaria continuando a “caminhada dos irmãos que já entraram na história” (MST, 1986). Após dois anos de sua criação, esta fonte propicia refletir que o MST compreendia o quanto era relevante para sua organização construir uma memória histórica.

Neste sentido, através da mística, havia um constante investimento em rememorar lutas históricas e reverenciar os mártires na luta pela terra. No Caderno de Formação Nº 27, Ranulfo Peloso evidencia que no desenvolvimento da mística, “todos têm por obrigação incluir as histórias de resistência popular: muita gente, antes de nós, também acreditou e deu sua vida pela causa da liberdade” (PELOSO, 1998, p. 11). Analisando um conjunto de publicações do MST, que não cabem ser enumeradas aqui, percebe-se que, na construção de sua memória histórica, o Movimento se apoia em diversas lutas passadas. As lutas e os personagens históricos rememorados por sua organização advêm desde a colonização do Brasil, começando com as lutas dos indígenas contra os colonizadores, indo para Zumbi dos Palmares (1665-1695), Canudos (1893-1897), Guerra do Contestado (1912-1916), Ligas

⁷ MST- Caderno de Formação nº 2. *História da Luta pela Terra*. Porto Alegre, fevereiro de 1986.

⁸ Durante sua existência, as Ligas Camponesas, por meio dos sindicatos de trabalhadores rurais, desempenharam um papel relevante junto aos trabalhadores rurais nordestinos, questionando as ações do poder dominante e a estrutura fundiária da região em que atuavam.

Camponesas (segunda metade do século XX), até as diversas ocupações de terras nas décadas de 1970 e 1980⁹.

Na construção de sua memória histórica, o MST é inserido como um movimento social que teria uma missão: dar continuidade às lutas históricas pela terra. Assim, o Movimento se coloca na posição de “redentor da história”. O “redentor” se refere ao fato dele ter o papel histórico de romper com o sistema imposto, tendo a incumbência de contribuir no processar de uma “nova história”, e na edificação de “novos céus e uma nova terra”. No livro “Brava Gente”, dos autores Bernardo M. Fernandes e João Pedro Stédile, torna-se possível dizer que há uma preocupação constante nos discursos em tentar construir uma verdade histórica, e um passado e presente para o MST. Na introdução do livro, já é possível perceber esta questão, quando Fernandes ressalta que “o MST é a continuação de 500 anos de luta pela terra”. Em seguida, Stédile também diz que “o MST é a continuidade de um processo histórico das lutas populares. Esperamos ser um elo com as lutas futuras. Este é o nosso papel histórico” (FERNANDES; STÉDILE, 2005, p. 12; 58).

A partir das considerações de Pollak (2009, p. 6-7), observo que no Movimento há um “trabalho de enquadramento da memória”, em que os seus militantes trabalham em prol da construção de sua memória histórica. Esse “enquadramento da memória” se configura como um investimento, em que é visado legitimar as ações sociais do grupo por meio da memória, ou como ressaltou a historiadora Suzana Lopes S. Ribeiro, “tem a finalidade de levarem os grupos a solidificar uma determinada consciência histórico-social” (2007, p. 297). Porém, será que é possível pensar o MST como sendo “herdeiro” das lutas históricas pela terra, desde o período da Colonização? No caso, as referências de luta e de resistência podem até se caracterizarem como significativas para o grupo, mas atribuir ao Movimento o título de herdeiro de lutas que ocorreram há mais de trezentos anos não seria uma visão um tanto quanto anacrônica, ou extemporânea?

Destaca-se que, o MST traça a sua concepção de história como se ela fosse “linear”, em que os acontecimentos e fatos somaram-se e acarretaram na formação do Movimento.

⁹ O pesquisador Sebastião L. F. Vargas Netto, em sua tese de doutorado faz uma discussão significativa sobre como o MST se apropriou de diversas lutas históricas para a construção de sua memória. Neste sentido, procura apontar as similitudes e contradições face às lutas históricas da luta pela terra (Zumbi dos Palmares, Canudos, Contestado, Ligas Camponesas, etc.) em relação às lutas e a organização do Movimento. Ver: (VARGAS NETTO, 2007).

Sendo o processo histórico permeado de caminhos e descaminhos, em que os fenômenos por vezes não se “encaixam” tão simplesmente, penso que a história não deve ser encarada como linear, nem tão pouco previsível. Nas lutas históricas pela terra, não há linearidade, mesmo que alguns grupos se apropriem de práticas e concepções de outros grupos que os antecederam. No caso do MST, o entendo como um Movimento singular, que nasceu devido às contradições sociais que existiam na época e foi (re)construindo suas práticas no transcorrer do tempo, conforme suas necessidades e objetivos. Não se trata de negar que o Movimento não tenha aprendido com lutas históricas passadas, pelo contrário, muitas lutas serviram de referência para algumas práticas que o mesmo organizou no devir da história. Nesta direção, cita-se as palavras de Émerson Neves da Silva:

Destacamos que não há uma relação linear. A experiência de camponeses, positiva ou negativa, ocorrida no período pré-1964, não determina diretamente a constituição do MST, mas alguns elementos são pinçados e ressignificados pelos sem-terra, tais como ocupação como meio de luta e dependência política do Estado (MASTER), radicalidade da proposta de reforma agrária, massificação da mobilização, direção centralizada por pessoas ‘estranhas’ ao meio camponês (Ligas Camponesas) (SILVA, 2004, p. 57).

Ao edificar uma “verdade histórica” para si, e também em relação a outros grupos, essa discussão se torna um pouco demais densa, principalmente pelo fato de que o MST ao passo que se identifica com algumas lutas históricas pela terra, também faz questão de se afastar de outras lutas. Isto é, o Movimento se preocupou em eleger a quem quer se assemelhar, e se afastou de outros grupos.

Nos discursos proferidos por Stédile, em entrevista a Fernandes, essa preocupação fica latente, especialmente quando relata com convicção que: “nós do MST nos consideramos herdeiros e seguidores das Ligas Camponesas, porque aprendemos com sua experiência histórica e ressurgimos com outras formas” (FERNANDES; STEDILE, 2005, p. 18). Em contrapartida, momentos depois, rejeita a ideia de que a criação do Movimento possa ter alguma coisa a ver com a luta do Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER)¹⁰, no Sul do país. “Mas o ressurgimento da luta, ou especificamente o surgimento do MST, no Sul, não tem muito a ver com a memória histórica do Master” (FERNANDES; STEDILE, 2005, p.

¹⁰ O MASTER foi um movimento criado no Rio Grande do Sul, em 1958, sob influências de líderes políticos do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sobretudo na figura de Leonel Brizola, Paulo Schilling, Jair Calixto e João Sem-Terra. A atuação do MASTER era afim de pressionar o Governo Estadual para que efetivasse políticas de assentamentos de reforma agrária. O movimento atuou entre os anos de 1958 a 1964, quando foi posto na ilegalidade pelo Regime Militar.

17). Ao dizer estas palavras, Stédile atenta para a memória histórica que o MST quer criar para si. Na figura de Stédile, o Movimento reconhece a atuação do MASTER, contudo não o elege para ser identificado com a sua organização. A partir da fala de Stédile, no caso do MASTER, não interessava a memória histórica do MST devido ao fato deste movimento estar muito atrelado ao antigo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), tendo seu maior expoente Leonel Brizola.

A questão de se levantar estas discussões não está no fato de investigar se o Movimento vem criando uma história para si “falsa” ou “verdadeira”, mas apontar que em meio a esta história há limites, escolhas e exclusões. Sendo assim, o investimento em se construir uma memória histórica para o grupo perpassa por relações de poder, em que há uma luta constante por representações. Ou melhor, no processo histórico, ao sistematizar a sua história, o MST também procurou construir socialmente a realidade, expondo suas visões de mundo e o que esperava dos seus integrantes. Por este viés, a prática da mística na organização do Movimento se tornou essencial, pois através do seu fazer se constrói a sua memória histórica. Junto com outras práticas, a mística somou-se para alçar o Movimento como “redentor da história”.

Ao refletir que a mística no MST intenta produzir sentidos para a sua história, Christine de A. Chaves elucidou algo significativo que vai ao encontro do que vem sendo discutido: por meio da mística, a história do MST ganha “densidade mítica” e, por isso, o Movimento se insere nas lutas pela terra como redentor da história. Desta forma, pode-se pensar que a mística “sacraliza” a luta pela terra, fornecendo confiança e convencimento necessários aos sujeitos.

Através da mística, a História adquire densidade mítica. Ela é representada por uma oposição dual entre explorados e exploradores, numa luta cujo o termo é definido pela vitória dos oprimidos. A noção de luta de classes funde-se com a noção cristã de sacrifício e redenção dos fracos. Se por um lado enfatiza-se a consciência da História como porvir repletos de possibilidades, por outro lado também se agrega a idéia de ser possível emprestar às suas transformações um sentido definido, que se pretende imprimir através da luta. A mística provê aos sem-terra a confiança na vitória em sua luta, ao trazer à consciência o poder coletivo manifesto na multidão (CHAVES, 2000, p. 82).

Sobre as reflexões de Chaves, é interessante como essa autora interpretou o fazer da mística na organização do Movimento. Em sua visão, a mística se configura como uma

“prática coletiva”, mas que visa agir também individualmente entre os integrantes do Movimento. Para os interesses e objetivos do MST, a mística se tornaria essencial e imprescindível. Ela seria o “que une”, e isso se torna fundamental para um movimento social que trabalha e dimensiona sua força no caráter coletivo. Deste modo, a mística é tida como “razão de poder eficaz”. Chaves compara essa prática ao “*mana*”, sistematizado por Marcel Mauss (1974). O *mana* significa poder místico, magia, uma crença que se torna ativa e eficaz. Como o *mana*, a mística traz à tona imagens/ideias, “uma vez dotadas de sentimentos, são infundidas de um sentido que, portador de forças coletivas inconscientes, é percebido como eficaz”. Nessa perspectiva, a mística no MST e a luta política não se diferenciam. Elas estão imbricadas. E, fazendo alusão às ideias de Mauss, essa prática no Movimento se configuraria como tão importante porque proporciona uma “produção coletiva de opinião” (CHAVES, 2000, p. 79-88).

Para Chaves, na organização do Movimento, a mística “transformou-se em mais uma técnica de controle de massas” (2000, p. 406). Isto é, no MST ela serviria para abafar os conflitos, descontentamentos, ativar o ânimo dos sujeitos, dentre outras funções. Estudando a “Marcha Nacional do MST” até Brasília, a autora observou que a mística era praticada muitas vezes para abafar brigas, reativar os objetivos principais da Marcha, animar os companheiros que estavam desanimados. Diante dessa interpretação: será que é possível conceber a mística como sendo uma “técnica de controle de massas”? Ao propor isso, não estaria negando a capacidade de raciocínio dos sujeitos? Acredita-se que, a mística é desenvolvida estrategicamente na organização do MST, contudo, não limita-se tal prática a uma interpretação fechada, como se fosse uma “técnica”, ainda mais de “controle de massas”. Ao refletir sobre a mística como uma “técnica de controle de massas”, negaria sua dinamicidade, riqueza, beleza e poder no interior do Movimento.

É significativo como o Movimento recorre intensamente ao passado para explicar e legitimar suas ações no presente. Em sua palavra de ordem – “Che, Zumbi, Antônio Conselheiro, na luta por justiça somos todos companheiros” -, tão invocada nas mais diversas manifestações que empreende, encontram-se elementos que subsidiam essa reflexão. Na luta por justiça, o MST se torna companheiro de Zumbi dos Palmares, Antônio Conselheiro e do ícone revolucionário latino-americano Ernesto Guevara, mais conhecido como “Che”. Rememorar personagens históricos e se apoiar em lutas passadas acabam se

tornando elementos poderosos e legítimos para ações do presente¹¹. No entender de Sebastião L. F. Vargas Netto (2007, p. 127-128), o MST se utiliza de um passado histórico como mais uma “estratégia de luta”, na qual o passado é organizado no sentido de legitimar as lutas no presente, na perspectiva de mudar a lógica do futuro. Para tanto, no Movimento, o passado, presente e futuro formam uma simbiose. Os três tempos andam juntos. As ações do Movimento no presente são calcadas no passado que, por sua vez, pretende mudar os rumos de um tempo futuro. Desta forma, não há como conceber estes três tempos separados em sua organização e ações.

Passado e futuro, mesclados em uma imprevisível mistura de tempos. Passado e futuro, por fim, deixando de serem adversários e oponentes que foram sob o ‘império da modernidade’. Passado e futuro, juntos num mesmo olhar, condição de uma nova consciência histórica. Os novos movimentos sociais acreditam e dizem que a história pode derrotar a ilusão do presente perpétuo, revelando a existência de um ‘antes’ diferente e promessa de um depois não menos diferente (e de certa forma imprevisível) (VARGAS NETTO, 2007, p. 157).

Nas apresentações da mística, a relação “passado”, “presente” e “futuro” é perceptível. Através dos acontecimentos ocorridos em tempos pretéritos, busca-se dar sentido às lutas no presente. E, nos acampamentos e assentamentos pesquisados, ao se referir à mística, os sujeitos entrevistados, em suas narrativas, evidenciaram resquícios no que tange à construção da “memória histórica” por parte da organização do MST. Grande parte dos sujeitos disse que a mística fazia “lembrar o passado”, “as histórias” e “os acontecidos”. Ao comentar uma mística que havia marcado sua vida, o acampado Jorge destacou a mística “do Eldorado dos Carajás” (JORGE, 2007). Vivendo em um acampamento no Oeste do estado de São Paulo, porque Jorge iria lembrar-se de uma mística sobre o massacre do Eldorado dos Carajás, que ocorrera no estado do Pará? A sua fala, como a de outros acampados e assentados, pode ser considerada evidência de que a prática da mística se torna algo relevante na construção da memória histórica do MST entre os sujeitos. Ao mesmo tempo em que estava no acampamento Madre Cristina, através da mística, Jorge lembrava e sentia que fazia parte de um passado histórico na luta pela terra, que na ocasião se referia à luta em Eldorado dos Carajás.

¹¹ O pesquisador José de Souza Martins também reflete sobre essa questão, ao dizer que o MST fabrica e mistifica sua história, no intuito de legitimar suas ações. Ver: (MARTINS, 2000: 107).

Por meio da mística, a memória histórica construída pelo Movimento é representada. É significativo destacar como o MST passou a investir na construção de seus heróis e mártires ao longo do tempo: Che Guevara, Roseli Nunes, Jesus Cristo, Madre Cristina, Florestan Fernandes, Paulo Freire, José Martín, José Saramago, Maringhella, Zumbi dos Palmares, Antônio Conselheiro, Karl Marx, Rosa Luxemburgo, Chico Mendes, Dorcelina Folador, dentre tantos outros nomes que compõem as referências de serem lutadores e lutadoras do povo. Nas músicas, poesias, cartilhas, manuais de organização, cadernos de formação, acampamentos, assentamentos, escolas, cooperativas, entre outros espaços que a organização do Movimento se faz presente, esses são alguns nomes que recebem homenagens e reverências. A partir dos nomes citados, nota-se que há uma mescla de referências (religiosos, revolucionários, intelectuais, militante do MST etc.), que num primeiro olhar são contraditórios, mas que na organização do MST tomam uma dimensão harmoniosa. Essa questão impressiona e chama atenção, pois demonstra a capacidade do Movimento em articular referências que são aparentemente incongruentes, e canalizá-las para o fortalecimento de sua memória.

Na mística, os heróis e mártires do MST são rememorados. Outrossim, para o Movimento, os mártires se configuram como “alimento da mística” e da resistência. Celebrar os mártires seria uma expressão de gratidão àqueles que deram suas vidas lutando por um futuro melhor. Neste sentido, uma organização que esquecesse dos seus mártires não mereceria sobreviver. No Caderno do Educando “Pra Soletrar a Liberdade Nº 2”¹², há um trecho de um texto bem elucidativo quanto à relevância de se cultivar a memória dos mártires na organização do Movimento:

A memória subversiva de tantos mártires é alimento da mística e da resistência de nossos povos que lutam por libertação. A celebração dessa memória é a melhor expressão de uma gratidão que conforta e que compromete. Um povo que se esquece de seus mártires não merece sobreviver. Esta memória é materializada nos nomes, nos rostos, nas palavras que adornam as casas, camisetas, murais, cartazes (MST, 2003).

Essa construção de mártires e lutadores, que acabaram se tornando referências para a memória histórica do Movimento, se encontra sempre em movimento, tendo em vista que, à medida que alguma figura importante para o MST falece, ou algum integrante de

¹² MST - Caderno do Educando – Pra Soletrar a Liberdade Nº 2. 2ª Ed. Somos Sem Terra. São Paulo, julho de 2003.

sua organização morre em conflitos, ou são vítimas de assassinatos por estarem ligados à sua organização, muitos desses sujeitos acabam sendo considerados mártires e referências. Nessa direção, elucido o caso do jovem Oziel, 17 anos, que foi assassinado brutalmente por policiais no massacre do Eldorado dos Carajás¹³. Em 2006, o MST publicou um material fazendo menção à importância de Oziel para a memória do Movimento. De maneira geral, a publicação foi uma homenagem e recordação aos 10 anos do massacre, ocorrido em 17 de abril de 1996, no estado do Pará¹⁴. No conflito, morreram 19 trabalhadores e centenas ficaram feridos. A morte do jovem chamado Oziel ganhou destaque nacional no MST, pois, com apenas 17 anos, honrou, momentos antes de sua morte, o nome do Movimento, não se calando diante da violência sofrida.

Eldorado dos Carajás se configura como um “marco de memória” entre os integrantes do Movimento. Os sujeitos que morreram no conflito, especialmente Oziel, se tornaram mártires e referências para sua organização. Analisando o material referido, o objetivo central seria chamar a atenção da juventude do MST para o exemplo de Oziel e dos outros trabalhadores que morreram no conflito. O Movimento procurava criar na figura de Oziel um exemplo para sua juventude, e como dissera Adelar Pizetta, os jovens do MST necessitariam ser herdeiros dos sonhos e ideais de Oziel, bem como de outros lutadores e lutadoras que deram seu sangue pela causa da liberdade dos oprimidos. “Somos herdeiros dos ideais e sonhos de Liberdade de tantos brasileiros e brasileiras que, como Oziel, regaram com o sangue do corpo, da pertença, da indignação, e da rebeldia, as sementes da Nova Sociedade” (PIZETTA, 2006, p. 11). Assim como Oziel, outros tantos nomes fazem parte da memória histórica do Movimento, e, partindo do pressuposto de que o MST está em seu “devir”, é possível dizer que outros nomes serão inseridos futuramente como referências a serem seguidas. A mística nesse processo é um elemento essencial, ao passo que constrói representações positivas sobre os mártires e lutadores que povoam a memória histórica do Movimento.

¹³ O Setor de Direitos Humanos do MST, junto com o Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD), e a Comissão Pastoral da Terra (CPT- Marabá/PA), elaborou um material interessante sobre o massacre do Eldorado dos Carajás, demonstrando como ocorreu o massacre e os desdobramentos judiciais sobre o caso. Ver: MST – Massacre de Eldorado dos Carajás. s/d.

¹⁴ BOGO, Ademar; PIZETTA, Adelar João; TROCATE, Charles. *Oziel e a Juventude do MST*. Setor de Formação do MST – Pará, 2006.

Como se fosse numa relação dialética, ao construir seus mártires e heróis, historicamente, o MST se utiliza também da mística para construir representações sobre seus inimigos, ou adversários na luta pela terra. Representar os inimigos, ou aqueles que reprimem as ações do Movimento, é algo característico na mística. Essas representações negativas em relação a alguns grupos, por sua vez, fazem parte da memória histórica da organização do MST e de grande parte de seus integrantes. A imagem, abaixo, que se refere a uma apresentação de mística na ocasião do “V Congresso Nacional do MST”, realizado em Brasília, no ano de 2007, se torna bem elucidativa e possibilita refletir quanto a isso.



Imagem 1 - Apresentação de mística realizada no V Congresso Nacional do MST, realizado em Brasília – DF, entre os dias 11 a 15 de junho de 2007
Fonte: Douglas Mansur (Acervo Pessoal)

O objetivo central do momento na mística é retratar as violências sofridas pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem Terra no decorrer do processo histórico. É comum na mística se representar jagunços¹⁵ e policiais agredindo os sujeitos nas lutas pela terra. Provavelmente os Sem Terra estão sofrendo atos violentos após alguma manifestação, como ocupações, ou em um momento de desocupação de alguma área, em que autoridades militares e particulares (jagunços) são acionadas. Apesar de os repressores não estarem vestidos com o mesmo uniforme, sendo um homem vestido com uma farda que parece ser do Exército Brasileiro, e outros com uma espécie de colete da cor preta, provavelmente seja

¹⁵ Por “jagunços”, compreende-se que são pessoas contratadas de forma ilegal por proprietários de terras para defenderem de forma armada suas propriedades. Os jagunços também por vezes são contratados para matarem lideranças de trabalhadores rurais, objetivando intimidar os grupos que lutam pela terra.

a representação de policiais e jagunços. As autoridades militares na mística quase sempre são apresentadas aos sujeitos como inimigas, defensoras dos “burgueses” e dos interesses dos conservadores, que de certa forma detém o poder político do país.

O que era representado na imagem era muito forte e impressionava os sujeitos que estavam assistindo a mística¹⁶. Jagunços e policiais ferozes, armados e sem piedade, agrediam integrantes do Movimento. E suas práticas de violência eram tão bárbaras que remetiam ao Período Colonial, em que os escravos eram punidos nos chamados “pau-de-arara”¹⁷. Percebe-se que dois jagunços estavam preparando uma manifestante do Movimento para ser torturada no pau-de-arara, amarrando seus braços e pernas num pedaço de madeira, para depois colocá-la de cabeça para baixo. Ao fundo, um homem tocando um tambor vagamente, e a cor preta dos coletes davam o tom de nebulosidade ao momento. Os repressores eram representados como impiedosos, assassinos de almas, e perpetuadores da injustiça social e da “ordem” que oprimia.

Não só na mística expressa na imagem, mas nas apresentações em geral há uma preocupação dicotômica em evidenciar o “bem” e o “mal”. No caso da imagem, a maldade estava atrelada à figura dos jagunços e policiais. Nessa perspectiva, Chaves elencou esse traço característico da mística, no que se refere à criação de imagens sobre seus inimigos. Sendo ela por essência uma dramatização, cujo tema central predominante é a luta pela terra, o Movimento é constituído como o protagonista deste drama. Em quase todo drama existe o “mocinho” e o “bandido”, na mística essas representações são constantes. Chaves descreveu sobre a preocupação do MST em criar representações de seus antagonistas através da mística:

Na mística do MST o motivo ou tema dessa pintura é a ‘luta’. Embora a representação do mundo produzida no MST seja relativamente estável, como um quadro, a luta como motivo é, em si mesma, dinâmica. A luta é ação, portanto, drama. Nesse drama, o MST constitui-se como ator, protagonista principal. O sentido agonístico desse conceito fundamental ao MST, a luta, não poderia, no drama que ela supõe e que o protagonista enceta, prescindir de um antagonista de igual envergadura. Conforme as demandas do contexto, esse antagonista apresenta-se sob os títulos de ‘governo’, ‘burguesia’, ‘latifundiários’ (CHAVES, 2000, p. 86).

¹⁶ Essa observação se deu a partir de trabalho de campo/pesquisa, em que o autor do artigo participou do “V Congresso Nacional do MST”, realizado em Brasília/DF, no ano de 2007.

¹⁷ Instrumento de tortura muito utilizado no Brasil Colônia para punir escravos “rebeldes”, e também para forçar confissões de presos.

Em seu desenvolvimento, a prática da mística acompanhou a construção histórica dos adversários do Movimento. Na ocasião do seu “XIII Encontro Nacional”, em janeiro de 2009, houve diversos momentos de mística, geralmente no período da manhã, tarde e noite¹⁸. A maioria das apresentações procurava representar os sofrimentos dos Sem Terras e de outros grupos oprimidos pelo poder dominante, evidenciando os adversários do Movimento nas lutas por justiça social. Antes de uma apresentação, foi levantado no local, em que se concentravam os participantes para a realização das atividades, um cartaz enorme contendo a maioria dos grupos que o Movimento considerava (e considera) seus adversários nas lutas.



Imagem 2 - Cartaz exposto antes de uma mística apresentada no XIII Encontro Nacional do MST, realizado em Sarandi – RS, entre os dias 20 a 24 de janeiro de 2009
Fonte: Fabiano Coelho (Acervo Pessoal)

Na imagem do cartaz, muito mais que tentar mostrar os seus inimigos, o MST também procurava criar representações de que era preciso romper com as cercas do latifúndio e destruir a hegemonia dos grupos ali representados. Junto com o tradicional latifúndio, pode-se observar que outros grupos foram sendo incorporados historicamente como adversários do Movimento, destacando os meios de comunicação como SBT e Rede Globo, grandes empresas multinacionais que se apropriaram de enorme quantidade de terras no país e também monopolizaram a circulação de produtos agrícolas e sementes, como a Cargill, Monsanto, Syngenta e Bunge, e também empresas multinacionais de bebidas e alimentos, como Coca-Cola e Mcdonald.

¹⁸ Participei desse Encontro na condição de convidado da delegação do MST/MS.

Ainda há duas representações curiosas na imagem: a bandeira de Israel e o símbolo da suástica, utilizado pela Alemanha Nazista de Adolf Hitler. Em relação ao símbolo da suástica, o Movimento declarava o seu repúdio a governos totalitários e ditadores, e que defendiam a supremacia de uma raça ou nação sobre as outras, especialmente aos países subdesenvolvidos. A menção a Israel, pelo que se pode observar, se dava à medida que no Encontro estavam presentes alguns representantes do governo Palestino, inimigos declarado da política israelense. Ressalta-se que, Israel nas últimas décadas passou a ser um aliado dos Estados Unidos e isso pode ter contribuído, pois o MST historicamente repudia a política norte-americana. Inserir Israel no cartaz, como sendo um país opressor, também era uma forma de demonstrar apoio aos palestinos que estavam presentes no Encontro. Cabe sublinhar, ainda, que os conflitos históricos entre Israel e Palestina não são apenas religiosos, mas sim políticos, principalmente no que se refere à demarcação de territórios. Por esta interpretação, MST e Palestina se assemelhariam na questão de lutarem historicamente por terra.

No rol de adversários, ou de grupos que o Movimento considerava opressores e dominadores, os sujeitos que confeccionaram o cartaz procuraram representar alguns. Ou seja, existiam outros grupos, os quais o Movimento repudiava em sua organização, como é o caso das próprias autoridades militares, outros meios de comunicação como a Revista *Veja*, os grupos organizados de latifundiários, como foi o caso da União Democrática Ruralista (UDR), etc. Sobre o cartaz analisado, outra reflexão significativa é o fato de que os grupos representados ali são tidos como cruéis, dominadores e responsáveis pela miséria de grande parte do mundo, não só do Brasil. Para estes grupos, o dinheiro e o poder estariam acima da dignidade e da vida humana. Essa representação se torna visível no lado esquerdo da imagem, em que é expresso o que estes grupos vêm gerando: opressão, manipulação e corrupção, tristeza, dor, vidas humanas sem perspectivas e desesperançadas, fome, dentre outras mazelas sociais. As gotas de sangue representavam o ápice de tudo isso: a morte!

Na mística, as mensagens devem encorajar os sujeitos, de que é possível transformar a realidade. Momentos depois que começou a mística em que estava sendo utilizado o cartaz, dezenas de sujeitos, apareceram por trás dele e o destruiu. Aquele gesto simbolizava que era preciso lutar contra os grupos que oprimiam os trabalhadores e trabalhadoras. Os semblantes daqueles que participaram daquela destruição simbólica do

cartaz era diferente, parecia que eles haviam dado um passo rumo a uma nova realidade. Apesar de ser um ato simbólico, o momento era repleto de significados, que se incorporados pelos sujeitos que ali estavam, poderia ser relevante para muitos pensamentos e ações futuras do grupo.

Ao conversar com os sujeitos no acampamento e assentamento, compreendeu-se que as representações dos inimigos do MST se faziam presentes no cotidiano dos sujeitos. Muitos dos entrevistados, ao falarem sobre a mística, expressavam a sua negação ao “latifúndio”, aos “fazendeiros”, à “elite”, à “burguesia”, às “autoridades policiais e judiciárias” e também às “políticas adotadas pelo Estado brasileiro”. É possível que estas representações dos sujeitos possam ter sido criadas e solidificadas através do fazer da mística. As representações dos inimigos do Movimento eram constantes nas narrativas dos sujeitos, especialmente quando falavam dos momentos de mística.

Dona Maria Francelina, ao salientar a importância da mística ainda quando vivia no acampamento Lagoão (Madre Cristina), evidenciou os adversários na luta pela terra com veemência. Ao dizer que gostava e achava a mística importante, explicitou que nas apresentações eram “os latifundiários contra os sem-terra”, e a mística mostrava que “muitos latifundiários só querem a terra pra eles” (MARIA FRANCELINA, 2009). Os “latifundiários” como inimigos históricos do MST eram evidenciados na fala da assentada. À medida que eles não queriam dividir a terra para quem nela queria trabalhar, seria necessário lutar contra esse inimigo. A dimensão da “luta de classes” (Latifundiários X MST) é algo que perpassava a fala de dona Maria, e que provavelmente era representada na mística no tempo do acampamento. A questão da redistribuição de terras é um ponto basilar que acompanha o Movimento desde sua criação, no qual os seus discursos eram ancorados na “ética cristã”, pregada pelas Pastorais Populares que auxiliavam os movimentos sociais no campo. Essa ética defende a redistribuição de terras, pois como uma “dádiva de Deus” a terra deveria ser distribuída entre todos aqueles que queriam nela trabalhar e viver.

Nas diversas narrativas, os “usineiros” eram mencionados como adversários na luta pela terra. No Oeste Paulista, região em que viviam os sujeitos entrevistados, instalaram-se diversas usinas de cana-de-açúcar na última década. Com isso, elas transformaram significativamente a paisagem e se tornaram, para o MST e para os sujeitos, uma ameaça

real no processo de reforma agrária na região. Através da mística eram construídas representações negativas sobre os inimigos, ou seja, em relação aos usineiros e às usinas de cana-de-açúcar. A narrativa do casal Francisco e Lourdes, na época, acampados, é bem elucidativa quanto ao fato de a mística criar representações sobre a realidade da região.

De acordo com Francisco, a mística mostrava o quanto as usinas “matavam as pessoas de tanto trabalhar”. Segundo o casal, que concedeu a entrevista juntos, na mística, contavam-se as histórias e sofrimentos dos trabalhadores: “Contando como é, como tá acontecendo até hoje esse trabalho, esse trabalho da cana, nessas usinas, então fala que a gente além do homem sofrer muito nos canaviais, a gente não vai comer só cana, então a mística é mostrando essas coisas” (FRANCISCO, 2007). E nesse processo, também procurava representar:

[...] também que, por exemplo, se meia dúzia de usineiro, o dinheiro só fica ali naquela meia dúzia de usineiro, o resto vai pela dificuldade, só os cortadores de cana vai cada vez mais sendo mais, sei lá, vai aumentando a pobreza, os trabalhadores de cana são muitos, os usineiros são poucos, então o dinheiro fica ali concentrado ali naquela meia dúzia (FRANCISCO, 2007).

Para aquela realidade, os inimigos a serem combatidos eram os usineiros. A mística, no acampamento, criava representações negativas sobre os canaviais e os usineiros da região. Em contraposição à noção de “progresso”, tal prática procurava retratar os canaviais como lugar de sofrimento e miséria. Reforçando essa representação negativa, Lourdes utilizava-se do discurso de que os seres humanos não se alimentavam apenas da cana. A viabilização de assentamentos nesse sentido faria um bem à sociedade, pois as famílias produziram alimentos de primeira necessidade. Neste viés, a narrativa de Francisco e Lourdes buscava dar sentido à realidade do grupo e potencializava as suas ações visando uma transformação. No caso, o predomínio dos usineiros deveria ser combatido, já que eles proporcionariam exploração e sofrimento aos sujeitos que trabalhariam nos canaviais.

No processo de construção de sua memória histórica, e como o Movimento edifica representações sobre seus adversários, o que também chama atenção sobre essa discussão se refere ao fato de como os sujeitos incorporam os discursos veiculados pelo Movimento. No assentamento, mesmo não participando tanto das atividades do MST, muitos entrevistados ainda carregavam em seus pensamentos e discursos as representações sobre os inimigos na luta pela terra. A mística se tornou uma prática essencial na construção de

representações sobre os inimigos do Movimento. Tais representações constituem-se como partes relevantes da memória histórica que sua organização vem construindo no transcorrer do tempo. Nesta perspectiva, a prática da mística se torna tão relevante, chegando a ser considerada pelo MST a sua “alma”.

FONTES

MST- Caderno de Formação nº 2. *História da Luta pela Terra*. Porto Alegre, fevereiro de 1986.

PELOSO, Ranulfo. A força que anima os militantes. In: MST- Caderno de Formação Nº 27. *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. São Paulo, março de 1998.

MST - Caderno do Educando – Pra Solettrar a Liberdade Nº 2. 2ª Ed. *Somos Sem Terra*. São Paulo, julho de 2003.

MST – *Massacre de Eldorado dos Carajás*. s/d.

BOGO, Ademar; PIZETTA, Adelar João; TROCATE, Charles. *Oziel e a Juventude do MST*. Setor de Formação do MST – Pará, 2006.

PIZETTA, Adelar J. Oziel: uma semente jovem! In: BOGO, Ademar; PIZETTA, Adelar J; TROCATE, Charles. *Oziel e a Juventude do MST*. Setor de Formação do MST – Pará, 2006. p. 8-17.

Imagem 1 - Apresentação de mística realizada no V Congresso Nacional do MST, realizado em Brasília – DF, entre os dias 11 a 15 de junho de 2007. Imagem de Douglas Mansur.

Imagem 2 - Cartaz exposto antes de uma mística apresentada no XIII Encontro Nacional do MST, realizado em Sarandi – RS, entre os dias 20 a 24 de janeiro de 2009. Acervo do autor.

Jorge. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 14/01/2007.

Maria Francelina. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 06/08/2009.

Lourdes e Francisco. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura – SP, 06/05/2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Maria C. *De pobres da Terra ao Movimento Sem Terra: práticas e representações camponesas do Movimento Sem Terra no Pontal do Paranapanema* – SP. 2004. 391 f. Tese (Doutorado em História). Faculdades de Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual Paulista, Assis.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRANFORD, Sue; ROCHA, Jan. *Rompendo a Cerca: a história do MST*. São Paulo: Casa Amarela, 2004.

CARTER, Miguel (Org.). *Combatendo a Desigualdade Social: o MST e a reforma agrária no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

COELHO, Fabiano. *A Prática da Mística e a luta pela Terra no MST*. 2010. 285 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

COLETTI, Claudinei. *A Trajetória Política do MST: da crise da ditadura ao período neoliberal*. 2005. 297 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas, UNICAMP.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Col. Memória e Sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAVES, Christine de A. *A Marcha Nacional dos Sem Terra: um estudo sobre a fabricação do social*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

FERNANDES, Bernardo M. *A Formação do MST no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERNANDES, Bernardo M.; STEDILE, João P. *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

GAIGER, Luiz. I. G. *Agentes Religiosos e Camponeses Sem Terra no Sul do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1987.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1996.

LERRER, Débora F. *Trajetórias de Militantes Sulistas: nacionalização e modernidade do MST*. 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro.

MARTINS, José de S. *Reforma Agrária: o impossível diálogo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/104.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

SILVA, Émerson N. da. *Formação e ideário do MST*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

SILVA, Cristiani B. da. *Homens e Mulheres em Movimento - Relações de Gênero e Subjetividades no MST*. Florianópolis: Momento Atual, 2004.

VARGAS NETTO, Sebastião L. F. *A Mística da Resistência: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos*. 2007. 390 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo.